

## **O GOALBALL COMO POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

**Claúdio Humberto Sene de Oliveira**

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Adriana Cristina Barriviera Prada**

Centro Universitário Unieuro, Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Elvio Marcos Boato**

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Junior Vagner Pereira da Silva**

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil

**Tânia Mara Vieira Sampaio**

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Carmen Silvia Grubert Campbell**

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

### **Resumo**

O estudo teve como objetivo analisar a percepção de atletas de goalball sobre os benefícios desta modalidade. A amostra foi composta por 10 atletas com deficiência visual, integrantes da Seleção de Brasília, selecionados aleatoriamente e a coleta dos dados foi realizada por meio de questionário com questões fechadas. Os resultados indicaram que o goalball configurou-se como uma importante oportunidade de inserção social, resultando em contribuições psicológicas e sociais, além de possibilitar maior mobilidade e autonomia, melhora no humor e desenvolvimento social.

**Palavras-chave:** Atividades de Lazer. Esportes. Socialização.

---

### **Introdução**

O esporte configura-se como um dos principais fenômenos sociais do século XX (MOREIRA, 2002) e uma das expressões culturais mais representativas da Sociedade Contemporânea (GAYA, 2006), pois ele tem a capacidade de fazer com que bilhões de pessoas deixem seus afazeres para prestigiar seus ídolos, tendo a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, como principais símbolos deste feito.

Contudo, em relação a seus valores, diferentes são os posicionamentos, pois se por um lado configura-se como um meio de socializa-

ção, uma profissão, um veículo de educação, uma oportunidade de lazer, atividade preventiva de doenças e promoção da saúde, qualidade de vida e bem estar, melhora da aptidão física relacionada à saúde e das capacidades motoras esportivas, por outro, às vezes também é utilizado como meio de exclusão, de demonstração de poder, de consumo, de alienação, de manutenção do status quo, de estereotipia de gênero e de racismo.

Especificamente para pessoas com deficiência, é com fins de reeducação e reabilitação que sua origem se dá, principalmente após a I Guerra Mundial (1914/1918), sob a influência da fisioterapia e medicina esportiva (SENATORE, 2006), sendo inserido mundialmente enquanto esporte adaptado de competição em 1888 em Paris (MATURANA et al., 2005) e no Brasil apenas em 1957.

Todavia, o percentual de pessoas com algum tipo de deficiência que tem acesso ao esporte ainda é ínfimo, pois estudo realizado pelo IBGE (2006) dá conta de que poucas cidades no Brasil dispõem de projetos e programas esportivos voltados para essa população, atingindo apenas 5,6% dos municípios do país no campo do esporte educacional, 5% no esporte de rendimento e 9% no esporte e lazer.

A ausência de preocupação das autoridades públicas com a criação de condições favoráveis e projetos para a inclusão de pessoas com deficiência em programas esportivos foi observado em estudo desenvolvido por Silva e Rodrigues (2009), em quatro municípios de São Paulo/SP. Na ocasião, os autores evidenciaram que três dos representantes das Secretarias de Esportes não apresentavam nenhuma preocupação em promover ações diretas às pessoas com algum tipo de deficiência, sendo as poucas atividades oferecidas relacionadas àquelas que exigem poucas modificações estruturais, restringindo assim as possibilidades dessa população desempenhar ou desenvolver suas potencialidades.

A inexistência de projetos esportivos destinados às pessoas com deficiência também foi evidenciada em estudo realizado por Hunger, Squarcini e Pereira (2004) na cidade de Bauru/SP. Com relação a esta questão, Souza e Campos (2008), constataram que apenas 1% das pessoas com deficiência visual do Rio de Janeiro/RJ, cidade que sediará os Jogos Paraolímpicos de 2016, participavam de algum programa de esporte.

Ao analisar as iniciativas públicas em relação à inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência nas práticas sociais, percebe-se que

pouco se tem feito em relação à criação de programas de esporte/lazer, pois o que existe são basicamente ações relacionadas à preparação (educação) e/ou inserção dessa população no mercado de produção de capital (trabalho). Sem negar a importância desses programas, cabe ressaltar que também são importantes as iniciativas que buscam condições equânimes de inserir as pessoas com algum tipo de deficiência em experiências de esporte e lazer, que são raras, para não dizer inexistentes, o que muitas vezes leva a uma exclusão da vida em sociedade.

Em razão desses preconceitos e dos padrões estabelecidos pela sociedade, pessoas com deficiências físicas, mentais, visuais, auditivas ou múltiplas acabam por ser excluídas de quaisquer programações sociais, sendo praticamente inexistente uma opção de lazer em sociedade para elas (BLASCOVI-ASSIS, 2003, p. 103).

Assim, apesar dos esforços por parte das entidades que lutam pelos direitos e melhorias das condições de vida das pessoas com algum tipo de deficiência, o que ainda impera na sociedade é o preconceito, exclusão e conseqüentemente o isolamento social, que consiste na ausência de qualquer forma de contato de um indivíduo com os outros de sua espécie, caracterizando ausência relativa de interação.

Diante do exposto, o presente estudo teve por objetivo analisar a percepção de atletas de goalball sobre os benefícios desta modalidade esportiva. Especificamente buscou avaliar a percepção dos atletas sobre os benefícios do goalball ao humor, amenização do estresse, relações sociais e familiares, inclusão social, auto estima e valorização do esporte.

## **Metodologia**

A pesquisa configurou-se como descritiva (GIL, 2010), tendo como amostra 10 atletas com deficiência visual (DV), integrantes da Seleção de Brasília da modalidade Goalball da Associação do Centro de Treinamento de Educação Física Especial – CETEFE, sendo nove do sexo masculino e 1 do sexo feminino, com idade entre 23 e 33 anos, que praticavam há mais de um ano essa modalidade com frequência mínima semanal de três vezes, com duas horas de duração.

A técnica de investigação foi a entrevista estruturada, utilizando como instrumento um formulário composto por 8 questões fechadas, criadas especificamente para os objetivos do estudo (GIL, 2010). Na interpretação dos dados recorreu-se a análise de frequência.

## Resultados e discussão

Em relação à percepção sobre o estado psicológico antes e depois de serem inseridos no treinamento de goalball, todos os atletas afirmaram se sentir mais felizes após praticarem essa modalidade esportiva, como também os sentimentos de tristeza, depressão e exclusão foram reduzidos a zero, conforme pode ser identificado na figura 1.

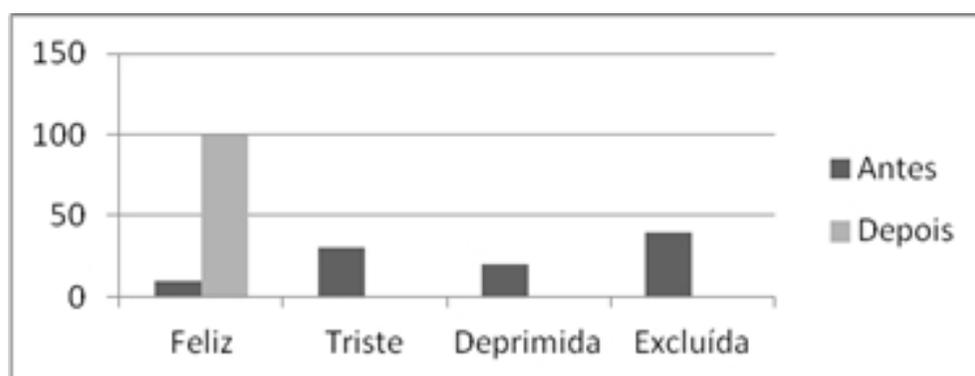


Figura 1: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre o estado de humor antes e após do ingresso à prática da modalidade

A exemplo do identificado neste estudo, a importância da prática do goalball para a melhora do humor das pessoas com DV também foi observado em estudo realizado por Silva (1990), que ao questionar a respeito dos benefícios percebidos sobre este esporte, verificou que ele configurava-se como uma oportunidade de estimulação e promoção de prazer.

A importância da prática esportiva para o humor também foi evidenciada em estudo realizado por Samulski e Noce (2002) com atletas com deficiência de oito modalidades esportivas do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, que na ocasião, constataram que o prazer despertado pela prática ( $2,75 \pm 0,47$ ) figurava como um dos principais motivos que faziam os atletas continuarem praticando esporte. Especificamente entre o grupo de atletas com DV, o prazer ( $2,90 \pm 0,32$ ) obtido no esporte mostrou ser ainda mais preponderante para se manterem no goalball.

Quando questionados a respeito da percepção sobre seu estado de estresse, os resultados novamente se mostraram favoráveis, uma vez que a maioria deles afirmou apresentar um nível alto (50%) ou muito alto (10%) de estresse antes do envolvimento com esta modalidade, condição inversa apresentada após o período de prática, que se concentrou basicamente no nível baixo (figura 2).

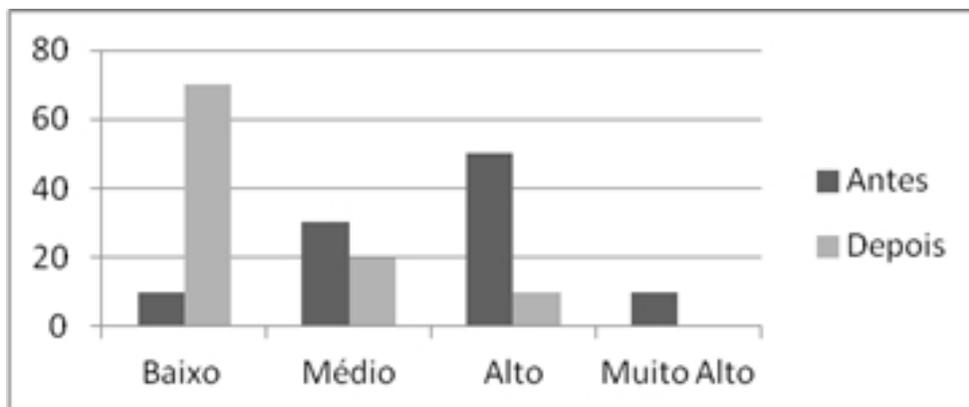


Figura 2: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre o nível de estresse antes e após do ingresso à prática da modalidade

Além de benefícios psicológicos, o envolvimento com o goalball também indicou agir positivamente nos aspectos sociais no que tange ao relacionamento com amigos, passando de uma predominância baixa de relacionamento (antes) para alto (após) da inserção na modalidade (figura 3).

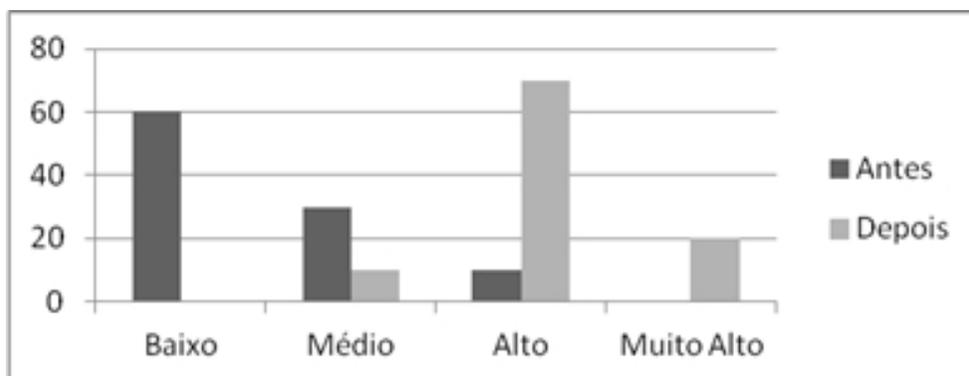


Figura 3: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre o relacionamento com amigos antes e após do ingresso à prática da modalidade

O envolvimento com a prática esportiva também se mostrou favorável às relações sociais em estudo realizado por Silva (1990) com atletas de goalball, devido a ampliação do contato e amizade com

atletas e técnicos. Resultados similares foram obtidos por Samulski e Noce (2002) em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, ocasião em que as melhoras nas relações sociais se deram pelas possibilidades de fazer amizades ( $2,70\pm 0,59$ ) e as oportunidades de relações sociais ( $2,90\pm 0,32$ ).

A melhora nas relações sociais foi observada também no meio familiar, uma vez que conforme pode ser verificado na figura 4, embora antes mesmo do envolvimento com o goalball já fossem tratados com alegria pelos familiares (30%) e com orgulho (20%), o percentual de sujeitos que passaram a ter e/ou perceber esse tratamento familiar após praticar o esporte foi bem superior, além de ter reduzido de forma acentuada o percentual de familiares que os tratavam com pena.

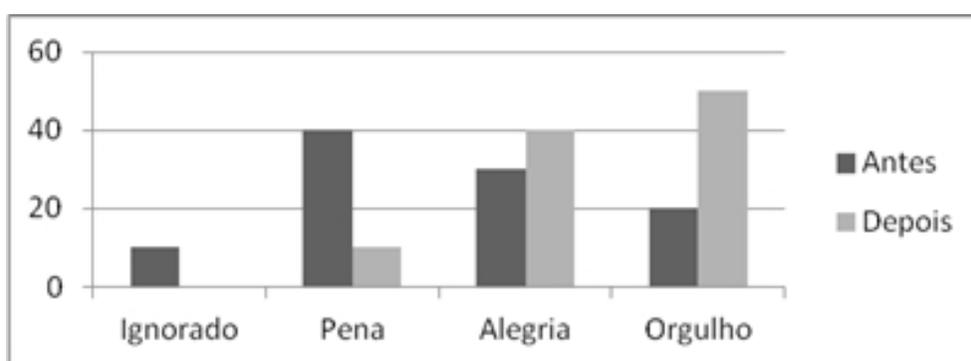


Figura 4: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre relacionamento familiar antes e após do ingresso à prática da modalidade

A baixa percepção dos atletas com DV sobre o relacionamento familiar antes de praticarem esporte pode estar relacionada à forma com que eles eram tratados, pois embora os pais sejam os principais defensores dos filhos, muitas vezes os cuidados e a atenção recaem sobre aquilo que o indivíduo não consegue fazer em decorrência da cegueira e não aquilo que ele faz (CRAFT; LIEBERMAN, 2004), percepção que pode ser alterada quando os filhos superam obstáculos, como o engajamento em uma equipe, que especificamente no esporte, pode se dar pela construção simbólica do herói esportivo, que ocorre tanto no meio familiar quanto social das amizades e que, segundo Gonçalves, Albino e Vaz (2009), muitas vezes é reforçado pela mídia quando estes obtêm um resultado favorável, como a conquista de uma medalha, por exemplo.

Sobre a figura do herói esportista entre atletas com algum tipo de deficiência, Gonçalves, Albino e Vaz (2009, p. 154) fazem a seguinte reflexão:

Trazidos ‘à luz’, à exposição, os paratletas são considerados exemplos da superação e usufruem de algum reconhecimento social devido a todo seu empenho e sacrifício em se inserirem na sociedade por meio da prática de esportes adaptados – que em sua versão convencional encontra legitimidade justamente pelo ideário de sobrepujança.

Logo, são percebidos e melhor acolhidos por aqueles que os rodeiam, tanto na família quanto no círculo de amizades, fazendo com que assim, haja uma maior percepção sobre a sua aceitação social e diferenças, o que embora seja importante, deve-se estar atento para não cair nas armadilhas de um discurso romântico, confundindo e generalizando o esporte de performance como meio de ação altamente inclusivo, pois o esporte adaptado de rendimento, embora seja uma forma de socialização, também é via de exclusão, pois prestigia apenas os mais aptos.

Contudo, entre aqueles que apresentam a habilidade exigida para performance, a maior demonstração de receptividade social das pessoas com deficiência, tanto pela sociedade em geral, quanto pelos familiares, são ações de grande relevância para o ser humano, pois fazem com que estes se sintam importantes, integrantes dessa mesma sociedade, o que pode contribuir, como melhora da percepção sobre si mesmos e da independência motora, como foi demonstrado nas respostas obtidas e já apresentadas. Nesse sentido, corroboramos com Sampaio (2006), quando a autora expõe que o que se busca é a afirmação da prática esportiva adaptada como um momento de plena integração da saúde e qualidade de vida, podendo expressar-se fundamentalmente como lazer e não necessariamente como performance.

Em relação à percepção sobre a inclusão social, 50% dos atletas afirmaram que antes de praticar goalball se sentiam excluídos e 80% indicaram se sentirem incluídos após a prática do esporte (figura 5).

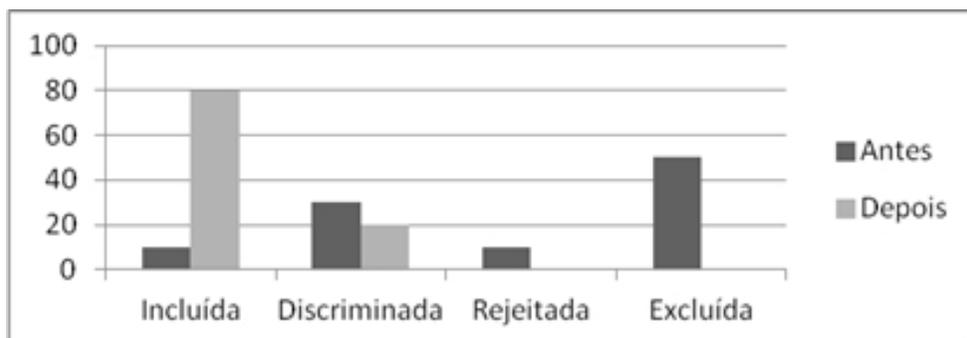


Figura 5: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre a inclusão social antes e após do ingresso à prática da modalidade

A maior demonstração de receptividade social das pessoas com deficiência, tanto pela sociedade em geral, quanto pelos familiares, são ações de grande relevância para o ser humano, pois fazem com que estes se sintam importantes, integrantes dessa mesma sociedade, o que pode contribuir para uma melhor percepção sobre si mesmo além da independência motora.

Essa condição é verificada na figura 6, que indica o aumento da auto-estima após o envolvimento com o esporte em discussão. Os benefícios, portanto, da prática do goalball para a melhora da auto-estima foi verificado na percepção dos atletas do presente estudo, haja vista que a maioria deles afirmou ter uma auto-estima abalada ou baixa antes de se envolverem com a modalidade, condição elevada para normal e alta após a vivência deste esporte.

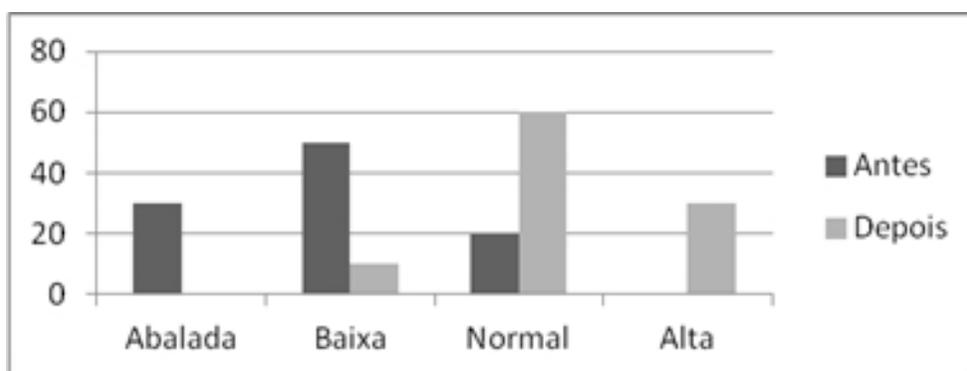


Figura 6: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre sua auto-estima antes e após do ingresso à prática da modalidade

Os dados apresentados na figura 7 indicam que os atletas avaliados antes de praticarem goalball tinham uma percepção de ser pouco útil

ou inútil à sociedade, condição inversamente compreendida depois de praticar o esporte.

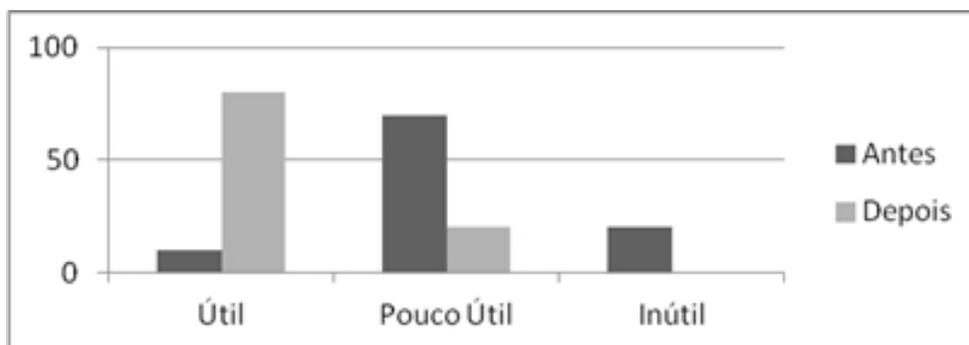


Figura 7: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre seu valor social antes e após do ingresso à prática da modalidade

As contribuições do esporte adaptado nos aspectos psicossociais são relatadas por Gorgatti e Gorgatti (2005), que salientaram as significativas melhoras na auto-estima, na evolução do auto-conceito e independência motora, sobretudo em pessoas com DV ou motora, que passam a ter maior confiança em suas ações após algum tempo de treinamento esportivo.

Os benefícios da prática de atividade física às pessoas com DV na elevação da auto-estima é relatada por Diehl (2008) que expõe que o melhor conhecimento do corpo leva essa população a uma maior consciência que as tornam mais autoconfiantes, com auto-estima mais elevada e feliz.

As diferentes possibilidades de envolvimento com o goalball foram apresentadas pelos indivíduos participantes do estudo, que assinalaram que esta modalidade pode ser realizada tanto para socializar, para recrear, competir ou todas elas (figura 8).

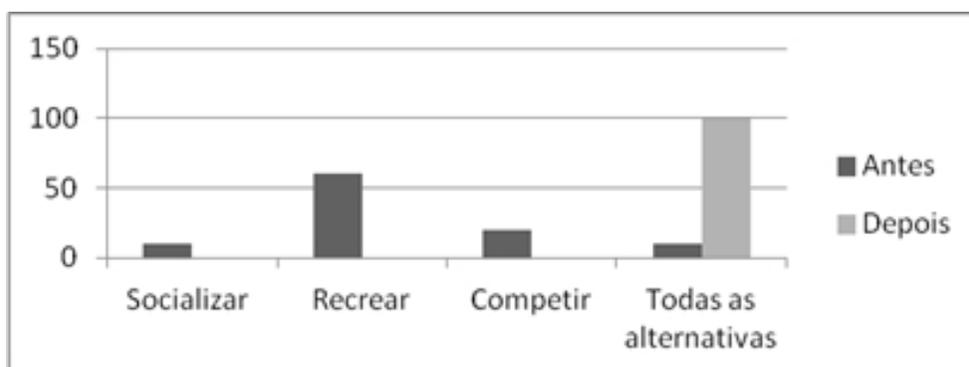


Figura 8: Percepção de atletas da Seleção de Goalball de Brasília, de 2004, sobre a importância da modalidade antes e após de nela ingressar.

Embora a prática de goalball para atletas paraolímpicos tenha se manifestado como uma importante ferramenta, podendo contribuir na melhora do bem estar, auto-estima e inclusão social, torna-se necessário que ele não seja reduzido a um processo de competição, pois o potencial socializador e recreativo da atividade é significativo para ampliar os processos de inclusão da pessoa com DV.

Ainda cabe ressaltar, que o envolvimento de pessoas com deficiência visual em atividades esportivas pode resultar em significativas contribuições para o desenvolvimento da autonomia motora, conforme evidenciado em investigação realizada com 30 pessoas cegas ou de baixa visão por Silva, Ribeiro e Rabelo (2008). Na ocasião, os autores constataram que o grupo que participou de um programa de dança durante 8 semanas, com 2 aulas semanais de 50 minutos cada (grupo experimental), apresentou ganhos significativos no equilíbrio estático e equilíbrio dinâmico.

Souza et al. (2006) em estudo realizado com crianças (8 a 14 anos) DV também evidenciaram melhoras no equilíbrio após participação em um programa de ginástica artística de 18 semanas.

Outro estudo que observou melhoras na coordenação motora de pessoas com DV após a prática esportiva foi o desenvolvimento por Rodrigues (2002) com praticantes e não praticantes de goalball. Na ocasião, os autores constataram melhores resultados no equilíbrio dinâmico, resposta aos estímulos auditivos (tempo de reação simples) e tempo de decisão, indicando que a modalidade configura-se em uma atividade que favorece o desenvolvimento de habilidades fundamentais à vida cotidiana.

Santos, Passos e Rezende (2007) constataram melhoras qualitativas na locomoção e conscientização corporal de crianças com DV após participarem de um programa de treinamento perceptivo-motor, o que pode favorecer uma maior segurança, autonomia e autoconfiança nos deslocamentos cotidianos.

Sobre esta questão, Souza e Campos (2008) apresentam parecer similar, pois de acordo com os autores, o envolvimento de pessoas com DV em atividades motoras torna-se de suma importância para o desenvolvimento da mobilidade física e da autonomia, podendo refletir nas relações de trabalho, resolução de problemas pessoais e vida cotidiana.

Percebe-se assim que o envolvimento em atividades físicas/esportivas é de grande relevância para o aprimoramento de capacidades fi-

sicas que se apresentam menos desenvolvidas no indivíduo com DV, pois pessoas com cegueira ou visão baixa apresentam equilíbrio falho, locomoção dependente, expressão corporal e facial escassas, coordenação motora deficiente, lateralidade e direcionalidade não estabelecidas (FREITAS; CIDADE, 1997) e alterações posturais nas regiões da coluna torácica (aumento da cifose torácica), ombro (protusão da cintura escapular) e cabeça (cabeça anteriorizada) devido a tentativa de compensação da ausência de visão (MASCARENHAS et al., 2009).

A motivação em praticar esportes devido aos benefícios e melhoras que ele pode trazer ao desenvolvimento de habilidades e à saúde também é outra via possível, conforme foi evidenciado em estudo realizado por Saito (2007) com atletas com DV praticantes de atletismo, natação, goalball, futsal e judô. Na ocasião, 94% dos indivíduos avaliados afirmaram praticar esporte para melhorar as habilidades e 75% para manter a saúde.

A importância da estimulação à movimentação também pode se dar em decorrência dos benefícios que podem ocorrer no desenvolvimento motor, pois a ausência de visão não o afeta diretamente, mas sim a limitação ou ausência de experiências motoras (CRAFT; LIEBERMAN, 2004), pois o desenvolvimento motor segue a mesma ordem que indivíduos que enxergam, tendo seu desenvolvimento comprometido por questões de limitações de vivência e acesso aos estímulos (DIEHL, 2008). “Em suma, o componente que falta para o desenvolvimento dos padrões normais de movimento e de condicionamento físico de pessoas com DV é a experiência, e não a capacidade” (CRAFT; LIEBERMAN, 2004, p. 186). Ainda, o envolvimento com atividades motoras pode culminar na melhora da postura, imagem corporal e equilíbrio (CRAFT; LIEBERMAN, 2004).

Além de configurar-se como uma oportunidade significativa de inclusão social, criar condições favoráveis e programas que favoreçam a participação de pessoas com DV em atividades físicas esportivas, também pode auxiliar na melhora do bem estar e qualidade de vida.

Contudo, para que isso ocorra, torna-se necessário que as políticas públicas relacionadas à população com deficiência superem sua característica tradicional – caritativa (assistencialista, caridosa, protecionista), reabilitatória (reorganização motora, cura), para uma política autônoma e equânime, que favoreça o exercício da cidadania em condições adequadas com suas especificidades.

Desta forma, corroboramos com o exposto por Pinheiro (2003, p. 138):

O desafio de todos os atores sociais comprometidos com a construção de um país melhor é o de não deixar morrer o sonho por uma sociedade pautada em relações solidárias e com justiça social e, ainda mais, de construir efetivamente os mecanismos para a reversão do quadro de exclusão social e das práticas autoritárias que predominam nas sociedades em nível mundial.

Para que os benefícios proporcionados pela prática do esporte, como o goalball, abranja uma maior quantidade de pessoas, se faz necessário que os esportes voltados ao atendimento de pessoas com algum tipo de deficiência sejam democratizados em suas três dimensões – esporte-educação, esporte-participação/popular e o esporte-performance propostas por Tubino (2001) e não apenas no esporte de performance. Conforme ressalta Paciorek (2004), devido as exigência de performance, pouquíssimos serão as pessoas com alguma deficiência que terão a oportunidade de participar de eventos esportivos, condição constatada nos estudos do IBGE (2006) e nos estudos de Hunger, Squarcini e Pereira (2004), Souza e Campos (2008), Silva e Rodrigues (2009) e Silva e Nunes (2009).

Isto posto, a perspectiva que compartilhamos é a de que o esporte adaptado enquanto conteúdo dos interesses culturais do lazer, não seja oferecido apenas enquanto performance, mais sim que o poder público invista, divulgue, difunda e incentive à criação de oportunidades de prática do esporte-educacional e do esporte-popular, assim como esses sejam estimulados a serem vivenciados em níveis críticos e críticos/criativos, ou seja, que o esporte adaptado também incorpore o duplo processo educativo que por ele pode ocorrer, pois segundo Marcellino (2002), as oportunidades de lazer têm uma potencialidade duplamente educativa, primeiro por se constituir num veículo privilegiado para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos (educação pelo lazer) e segundo por figurar como objeto de educação, devendo as pessoas serem estimuladas a transpor as barreiras do lazer vivenciado em níveis elementares/conformistas para níveis médios/críticos e superiores/críticos-criativos, assim como sejam iniciadas nos seis interesses culturais do lazer (educação para o lazer).

Sobre o esporte popular, Tubino (2001, p. 39) faz a seguinte assertiva:

O esporte popular, além das condições hedonísticas que o envolvem, tem o seu valor social evidenciado na participação e nas alianças ou parcerias desenvolvidas. A interação entre a participação e as parcerias, fortalece os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social, e conseqüentemente mais agentes do seu próprio destino.

Ainda, se faz necessário que as ações em prol da criação de oportunidades de vivência do esporte para pessoas com algum tipo de deficiência ultrapassem a vertente de ofertá-lo exclusivamente no interior das instituições específicas de atendimento de pessoas com algum tipo de deficiência, mas sim que espaços públicos sejam adaptados para que pessoas com deficiência possam usufruir destes locais, seja para praticar os esportes ou contemplá-los, tanto em momentos que envolvam pessoas com diferentes deficiências, como também que pessoas deficientes e não deficientes sejam estimuladas e aprendam a realizar atividades esportivas em conjunto, como a proposta elaborada e aplicada pelo Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADEVI), em 1985, por meio do goalball integrado, que consistia no incentivo à prática desta modalidade não somente por pessoas com deficiência visual, mas também pessoas com deficiência física, auditiva e não deficientes, mostrando-se uma atividade recreativa e inclusiva (SILVA, 1990), fazendo com que o esporte, enquanto interesse cultural do lazer, além de educar pelo lazer e para o lazer, também se configure como um veículo de educação para e pela inclusão.

## **Conclusão**

Na percepção das pessoas participantes do estudo a modalidade esportiva goalball se mostrou uma importante atividade de inserção social, podendo resultar em benefícios aos aspectos psicológicos e sociais, além de contribuir com a maior mobilidade e autonomia.

Diante dos benefícios possíveis de serem alcançados por intermédio da prática deste esporte se faz necessário que o poder público viabilize políticas, através da disponibilização de projetos e programas de

animação sociocultural, que incluam atividades adaptadas a fim de atender as pessoas com algum tipo de deficiência, tanto nas oportunidades de esporte de rendimento quanto de lazer e escolar.

Embora a prática de goalball para atletas paraolímpicos tenha se manifestado como uma importante ferramenta, podendo contribuir na melhora do bem estar, auto-estima e inclusão social, torna-se necessário que ele não seja reduzido a um processo de competição. O potencial socializador e recreativo da atividade é significativo para ampliar os processos de inclusão da pessoa com deficiência visual.

---

### **The goalball as possibility of social inclusion of people with visual disabilities**

#### **Abstract**

Thus, CPU installed-if analyze the perception goalball athletes about the benefits of this mode. The sample was comprised of 10 athletes with visual disabilities, part of the Selection of Brasilia modality Goalball, selected randomly. The results indicate that the perception of athletes evaluated the goalball configured as an important opportunity for social inclusion, resulting in psychological and social contributions and greater mobility and autonomy, improves mood and social development.

**Keywords:** Leisure Activities. Sports. Socialization.

### **Goalball como la posibilidad de inclusión social de las personas con discapacidad visual**

#### **Resumen**

El estudio tuvo como objetivo analizar la percepción de los atletas de goalball de los beneficios de esta modalidad. La muestra estuvo conformada por 10 atletas con discapacidad visual, los miembros de la Selección de Brasilia, seleccionados al azar y la recogida de datos se llevó a cabo a través de un cuestionario con preguntas cerradas. Los resultados indicaron que el goalball se ha configurado como una importante oportunidad para la integración social, resultando en contribuciones psicológicas y sociales, y proporcionar una mayor movilidad y autonomía, el estado de ánimo mejora y el desarrollo social.

**Palabras clave:** Actividades Recreativas. Deportes. Socialización.

---

### **Referências**

BLASCOVI-ASSIS, S. M. Lazer para deficientes mentais: um relato de experiência. In: MARCELLINO, N. C. **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Unijui, 2003. p. 101-132.

CRAFT, D. H.; LIEBERMAN, L. Deficiência visual e surdez. In: WINNICK, J. **Educação Física e esportes adaptados**. Barueri, SP: Manole, 2004. p. 181-206.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**: jogos para crianças e jovens com deficiência: em situação de inclusão e em grupos específicos. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

FREITAS, P. S. de; CIDADE, R. E. A. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência**: uma abordagem para professores de 1º e 2º grau. Uberlândia: Gráfica Breda, 1997.

GAYA, A. Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. de S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 101-112.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. de L. (Org.). **Observando o Pan RIO/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 149-167.

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. da. **A atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 484-519.

HUNGER, D.; SQUARCINI, C. F. R.; PEREIRA, J. M. A pessoa portadora de deficiência física e o lazer. **Revista Brasileira de Ciências Esportes**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 85-100, 2004.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos Municípios** – Esporte 2003. Rio de Janeiro: Comunicação social, 2006. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impres-sao.php?id\\_noticia=567](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impres-sao.php?id_noticia=567)>. Acesso em 29 mai. 2010.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002.

MASCARENHAS, C. H. M. et al. Alterações posturais em deficientes visuais no município de Jequié/BA. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v. 11, n. 1, p. 1-7, 2009.

MATURANA, L. et al. Inclusão social: esporte para deficientes visuais. In: DA COSTA, L. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 645-649.

MOREIRA, W. W. Apresentação. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002. p. 4-8.

MUNSTER, M. de A. V. Atividades recreativas e deficiência: perspectivas para a inclusão. In: SCHWARTZ, G. M. **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. p. 135-155.

MUNSTER, M. de A. V.; ALMEIDA, J. J. G. de. Atividade física e deficiência visual. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. da. **A atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 28-75.

PACIOREK, M. J. Esportes adaptados. In: WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Baureri, SP: Manole, 2004. p. 37-51.

PINHEIRO, H. L. As políticas públicas e as pessoas portadoras de deficiência. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papyrus, 2003. p. 137-155.

RODRIGUES, N. **Goalball**: Estudo sobre o estado do conhecimento da modalidade e avaliação desportivo-motora dos atletas. 2002. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2002.

SAITO, S. P. Motivos que levam indivíduos portadores de deficiência visual a participarem de atividades desportivas adaptadas de alto nível. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 15, n. 2, p. 20-32, 2007.

SAMPAIO, T. M. V. Tecendo cultura com mediações que unem corpo saúde e lazer. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 73-96, 2006.

SAMULSKI, D.; NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Revista Brasileira Medicina Esporte**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 158-166, 2002.

SANTOS, L. C. dos; PASSOS, J. E. de O. S.; REZENDE, A. L. G. de. Os efeitos da aprendizagem psicomotora no controle das atividades de locomoção sobre obstáculos em crianças com deficiência da visão. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 13, n. 3, 365-380, 2007.

SENATORE, V. Parolímpicos do futuro. In: CONDE, A. J. M. **Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física**. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. p. 9-23.

SILVA, C. A. C.; RIBEIRO, G. M.; RABELO, R. J. A influência da dança no equilíbrio corporal de deficientes visuais. **Movimentum – Revista Digital de Educação Física**, Ipatinga, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2008.

SILVA, E. L.; RODRIGUES, G. M. O acesso ao esporte para crianças e adolescentes com deficiência: da acessibilidade aos programas públicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: RBCE, 2009. p. 1-12.

SILVA, J. V. P. da; NUNES, P. R. M. Parques públicos de lazer de interesse físico/esportivo, animação sociocultural e população atendida. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 1-18, 2009.

SILVA, M. T. da. Goalball para deficientes visuais. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADO, 3., 1990, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1990. p. 121.

SOUZA, C. M. et al. Ginástica artísticas para crianças deficientes visuais. Relato de experiência. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 94, p. 2006.

SOUZA, R. P. de; CAMPOS, D. Atividade esportiva para deficientes visuais: uma análise quantitativa no município do Rio de Janeiro. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 142, p. 50-57, 2008.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

---

Recebido em: 05/12/2011

Revisado em: 20/04/2012

Aprovado em: 25/07/2012

**Endereço para correspondência**

tsampaio@ucb.br

Tânia Mara Vieira Sampaio

Universidade Católica de Brasília

Mestrado e Doutorado em Educação Física.

QS 07 Lote 01 -EPCT - Aguas Claras

Taguatinga-DF

72030-170 - Brasília, DF - Brasil